

1510

* Estepes salgadas mediterrânicas (*Limonietalia*)

Código EUNIS 2002	Código Paleártico 2001	CORINE Land Cover
E6.1	15.8	3.2.1.



Vegetação de *Salicornia patulae*
Ria Formosa (J.C. Costa)



Salicornia patula e *Suaeda splendens*
num solo com crosta salina
Ria Formosa (J.C. Costa)

Protecção legal

- Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril – Anexo B-1 (republicado pelo Decreto-Lei nº 49/2005, de 24 de Fevereiro).
- Directiva 92/43/CEE – Anexo I.

Distribuição EUR15

- Região Biogeográfica Mediterrânica: Espanha, França, Grécia, Itália e Portugal.

Proposta de designação portuguesa

- Vegetação vivaz e anual seca de sapal alto.

Diagnose

- Vegetação mediterrânica, halófila, não nitrófila, de plantas anuais suculentas de sapais secos e salinas, onde se verifica uma forte ascensão de sais por capilaridade e, por vezes, a formação de crostas salinas.

Correspondência fitossociológica

- *Salicornion patulae*, *Thero-Salicornietalia* (classe *Thero-Salicornietea*).

Subtipos

- Sem subtipos.

habitats naturais

Caracterização

- Vegetação mediterrânica tardi-estival e outonal halófila, não nitrófila, maioritariamente constituída por plantas anuais suculentas, dominada pela *Salicornia patula*.
- Constituída por espécies diplóides, imersas durante o Inverno mas susceptíveis de uma forte dessecação no Verão.
- As comunidades de *S. patula* formam, frequentemente, mosaicos intrincados de difícil interpretação com comunidades da *Frankenion pulverulentae* (classe *Saginetea maritimae*, habitat 1310pt5), de fenologia mais precoce, e com comunidades de *Thero-Suaedetalia* (classe *Thero-Salicornietea*, habitat 1310pt2). Os mosaicos com as comunidades subnitrófilas de *Thero-Suaedetalia* são promovidos pela perturbação do solo e pela deposição de algas marinhas arrastadas pelas marés e ventos.
- As comunidades de *S. patula* colonizam solos salinos argilosos ou arenosos, desnudados, de depressões ou canais inundados ou encharcados de Inverno e Primavera, de sapal externo alto e salinas. Nos sapais ocorrem em biótopos nunca submetidos a inundações de água salgada no Verão, onde se verifica uma forte ascensão de sal por capilaridade, por vezes acompanhada pela formação de crostas salinas (muito frequentes dos sapais do rio Guadiana). As salinas aparentemente induziram uma “subida” latitudinal de vegetação halófila que naturalmente, por razões macroclimáticas, nunca atingiria latitudes tão elevadas. As comunidades de *Salicornia patula* das salinas do rio Tejo poderão ser um exemplo deste fenómeno (vd. habitat 1130).
- Andar termomediterrânico seco.

Distribuição e abundância

Escala temporal (anos desde o presente)	-10 ³	-10 ²	-10 ¹
Variação da área de ocupação	↑	?	↓

- A erosão associada aos sistemas agropastoris tradicionais teve um efeito favorável na área de ocupação deste habitat. Esta tendência milenar inverteu-se recentemente com o abandono agrícola e os factores de ameaça mais adiante discriminados (vd. habitat 1310).
- A construção de salinas foi particularmente favorável ao aumento da área de ocupação deste habitat.
- Comum na Província Gaditano-Onubo-Algarvia, desde o rio Tejo até ao rio Guadiana.

Bioindicadores

- Dominância de *Salicornia patula*.

Serviços

- Refúgio de biodiversidade.
 - espécies raras: *Halopeplis amplexicaule*, *Hymenolobus procumbens*, *Suaeda splendens*.
- Regulação do ciclo de nutrientes.
- Eliminação-reciclagem de resíduos.
- Recursos genéticos.
- Educação e ciência.

Conservação

Grau de conservação

- Bom.

Ameaças

- Expansão urbano-turística, designadamente através de construções, aterros, abertura ou alargamento de estradas e caminhos, implicando a destruição directa do habitat.
- Abandono de fabrico de sal nas salinas.
- Transformação de salinas em tanques de piscicultura.
- Excesso de pisoteio e trânsito de veículos.

Objectivos de conservação

- Manutenção da área de ocupação.
- Manutenção do estado de conservação.

habitats naturais

Orientações de gestão

- Condicionar a expansão urbano-turística e a edificação ou instalação de estruturas, nomeadamente quando tal implique a destruição directa do habitat.
- Condicionar o acesso de pessoas e veículos.
- Promover a produção de sal nas salinas existentes.
- Interditar a transformação de salinas em tanques de piscicultura.

Outra informação relevante

- Em Portugal não existem comunidades vivazes que possam ser integradas neste habitat.
- O *Manual de Interpretação dos Habitats da União Europeia* obriga a considerar os matos de *Limoniastrum monopetalum* e do *Inulo crithmoidis-Limonietum ferulacei* no habitat 1420 e não no habitat 1510 “Estepes salgadas mediterrânicas (*Limonietalia*)”, pese embora pertencerem à ordem *Limonietalia*.

Bibliografia

- ALFA (2003). *Checklist dos sintaxa de Portugal. Continente e Ilhas*. 7ª versão. Associação Lusitana de Fitossociologia (ALFA) (mimeografado).
- Alves J, Espírito-Santo MD, Costa JC, Capelo J & Lousã M (1998). *Habitats Naturais e Seminaturais de Portugal Continental*. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa. 167 pp.
- Comissão Europeia (Direcção Geral de Ambiente) & Agência Europeia do Ambiente (Centro Temático Europeu da Protecção da Natureza e da Biodiversidade) (2003) *Mediterranean Region. Reference List of habitat types and species present in the region*. Doc. Med/B/fin. 5. Bruxelas-Paris.
- Comissão Europeia (Direcção Geral de Ambiente; Unidade Natureza e Biodiversidade) (2003). *Interpretation Manual of European Union Habitats*. Bruxelas.
- Costa JC (1991). *Flora e Vegetação do Parque Natural da Ria Formosa*. Dissertação para obtenção do grau de Doutor. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- Costa JC (1999). Guia da excursão científica aos estuários do Tejo e do Sado. *Livro de resumos e guias de excursões das V Jornadas de Taxonomia Botânica*. 87-101. Lisboa.
- Costa JC (2001). Tipos de vegetação e adaptações das plantas do litoral de Portugal continental. In Albergaria-Moreira, Casal-Moura A & Granja HM (eds.). *Homenagem (in honorium) Professor Doutor Gaspar Soares de Carvalho*: 283-299. Braga.
- Costa JC, Capelo J, Aguiar C, Neto C, Lousã M & Espírito-Santo, MD (2000). An overview of the Pegano-Salsoletea Br.-Bl & O. Bolòs 1958 vegetation class in the continental Portugal. *Colloques Phytosociologiques* 27: 81-93.
- Costa JC & Lousã M (1989). Communautés psamophiles et halophiles du “Ria de Alvor”. *Colloques Phytosociologiques* 18: 121-135.
- Costa JC, Lousã M & Espírito-Santo MD (1996). A Vegetação do Parque Natural da Ria Formosa (Algarve, Portugal). *Studia Bot.* 1569 -157.
- Rivas-Martínez S, Costa M, Castroviejo S, & Valdés B (1980). Vegetación de Doñana (Huelva, España). *Lazaroa* 2: 5-190.
- Rivas-Martínez S, Lousã M, Díaz TE, Fernández-González F, & Costa JC (1990). La vegetación del sur de Portugal (Sado, Alentejo y Algarve). *Itinera Geobot.* 3: 5- 126.